

(XCNG-17773)**GEOTURISMO E DESPORTO AVENTURA NOS AÇORES: APLICAÇÃO AO CASO DO CANYONING**

Paulo Hagendorn Alves¹; Francisco Silva²

1 - LNEG;

2 - EHSTE, Escola Superior de Hotelaria e Turismo do Estoril

Palavras-chave: Geoturismo, Turismo, Património geológico, Canyoning

O património geológico é um importante ativo turístico nos Açores, região que tem vindo a afirmar-se como destino de excelência para o turismo na natureza. Todos os stakeholders, desde os turistas aos residentes e aos agentes ligados ao ordenamento do território ou ao planeamento turístico são unânimes no facto da imagem deste destino estar estritamente associado ao património natural, à vulcanologia, à paisagem e ao turismo na natureza.

Essa atratividade acentua-se quando se trata de desporto aventura, estando associada a factores como: riqueza da morfologia e geodiversidade; preservação do geopatrimónio; clima e biodiversidade; sócio-economia local, inclusive com a reduzida afetação antrópica que ainda caracteriza muitas regiões.

Os circuitos turísticos com enfoque no turismo cultural e na natureza de forma contemplativa, conjuntamente com os passeios de barco e percursos pedestres marcaram a forma de ser turista no Arquipélago durante uma fase inicial da procura turística.

Progressivamente, a oferta diversificou-se, mas mantendo o foco nos produtos associados à natureza, como o whale-watching, subida ao Pico, surf e mergulho. Mais recentemente, o produto turístico global tem vindo a enriquecer, particularmente com o incremento da oferta de experiências turísticas e de aventura.

Entre as novas atividades no território, o canyoning merece particular destaque, por permitir descobrir ambientes e paisagens até aqui desconhecidas, que frequentemente albergam património geológico.

A confirmação do interesse dos Açores para esta modalidade e a sua expansão deu-se entre 2014 e 2016, com o evento anual CIMA (Canyoning International Meeting Azores), correspondendo em 2016 ao encontro mundial (RIC-Azores). Culminou um processo iniciado em 2003 pela associação Desnível e apoiado pelo Turismo dos Açores desde 2005, com prospeção e equipamento de mais de 100 percursos em ribeiras de 6 ilhas, incluindo a edição de um Guia e de edições especiais de mapas na escala 1:25000 (Flores e São Jorge em 2014; Faial e Terceira em produção). Em simultâneo decorreu a formação técnica de praticantes, formadores e equipas de resgate. Verificou-se também um importante incremento da oferta de serviços de animação turística, com empresas a apostar nesta atividade, direcionada essencialmente para turistas estrangeiros que procuram realizar atividades sem contacto direto com a natureza açoriana.

A notoriedade do destino e a oferta de percursos de grande beleza nas ilhas das Flores e São Jorge tem atraído muitos praticantes aficionados, passando a deslocar-se aos Açores motivados pela prática desta modalidade. O facto destas ilhas periféricas e com fraca expressão na procura turística apresentarem maior potencial para a prática de canyoning, leva a que esta atividade se torne mais relevante, contribuindo para reduzir a sazonalidade, uma das principais debilidades deste destino.

Salienta-se ainda a especialização deste público desportivo, que valoriza a geodiversidade e que raramente frequenta espaços que o turista habitual usufrui, movimentando-se por espaços naturais de difícil acesso ou só visíveis de barco, e em que o comportamento do praticante deve pautar-se por regras básicas de proteção ambiental. Este privilégio de percorrer locais quase inatingíveis de património geológico dos Açores é exemplificado com os seguintes percursos:

i) Ilha das Flores. Ribeira dos Ilhéus – atravessa um anfiteatro com disjunção prismática (cascata 45+8m; CB1-Complexo de Base), representando um dos mais perfeitos exemplos desta morfologia no país; na ponte do Moinho do Ilhéu inicia-se um longo troço sinuoso escavado nos depósitos vulcanoclásticos, brechas e tufos (CB2). Ribeira dos Alquevins - sucessão de cascatas com morfologia de disjunção prismática (CB1). Ribeira das Barrosas - troço encaixado no CB2 e cascata para o mar, junto à Gruta do Galo (costa NE, geossítio do Geoparque Açores).

ii) Ilha de São Jorge. Ribeira do Sanguinhal, no Complexo Vulcânico do Topo (escoadas subaéreas de natureza basáltica). Destaca-se a cascata final (80+20m), atingindo a Fajã do Sanguinhal, abandonada pela população após o sismo de 1980.

iii) Ilha de São Miguel. Ribeira Grande: cascata das Lombadas (45m) e Salto do Cabrito (25m). Atravessa a zona N do Maciço do Fogo, com escoadas e piroclastos de natureza traquítica, em parte sobre uma falha WNW-ESE, em vale profundo com cicatrizes de escorregamento; a jusante da cascata das Lombadas ocorrem nascentes termais, com aumento de temperatura da água e coloração ocre. O Vale das Lombadas e o Salto do Cabrito são geossítios do Geoparque.

iv) Ilha de Santa Maria. Ribeira de Maloás/Malbusca, com cascata em escoadas basálticas do Complexo do Pico Alto ocorrendo numa faixa com disjunção colunar (geossítio do Geoparque); este Complexo ocorre também na cascata inferior (80m). Na base observa-se uma gruta escavada pela população em sedimentos carbonatados (Complexo do Touril).

Estes exemplos demonstram a singular riqueza desta geodiversidade, consolidando desde as primeiras visitas o interesse em desenvolver o canyoning nos Açores, não apenas para usufruto de alguns praticantes, mas numa visão integrada, vocacionada quer para o turista ocasional, fundamental para empresas locais de turismo ativo, quer para aficionados de todo o mundo, constantemente em busca de novos destinos.

A associação entre as valências lúdica e desportiva do produto canyoning com a componente de interpretação ambiental e de geoturismo, representa uma oportunidade de desenvolvimento deste produto, permitindo ampliar a oferta a novos nichos de mercado, valorizar a experiência turística e reforçar a associação do destino à inovação turística.